

Violência doméstica: quando a mulher é a vítima

Domestic violence:
when the woman is the victim

Marilene Cabello Di Flora¹
Ana Carolina Sanchez Dias²
Raquel Delbin Steltenpool²

DI FLORA, Marilene Cabello, DIAS, Ana Carolina Sanchez, STELTENPOOL, Raquel Delbin. Violência doméstica: quando a mulher é a vítima. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n.2, p. 25-42, 2001.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar os resultados de uma investigação que buscou caracterizar o cotidiano das mulheres espancadas por seus parceiros no âmbito da casa e da família, a partir do discurso das próprias vítimas. Através de entrevistas semi-estruturadas junto às mulheres que procuram a Delegacia de Defesa da Mulher, em Bauru, a fim de registrar queixa contra os seus parceiros, identificou-se a percepção da experiência vivida por elas e o significado que elas mesmas dão à situação que enfrentam no seu cotidiano de opressão. Dessa forma, pode-se constatar os momentos mais difíceis, as causas, as conseqüências, as soluções para o ato violento indicado por elas em suas falas. Os resultados desse estudo sugerem a urgência da criação de um órgão de apoio, subsidiado por uma equipe multiprofissional, que atue junto a essas mulheres a fim de solucionar ou, pelo menos, minimizar o seu sofrimento.

Unitermos: violência doméstica, relação de gênero, mulheres.

INTRODUÇÃO

Ao analisar o tempo presente, Hobbsbawn (1987), apud Dal Moro (1998), caracteriza o último período do século XX como “A Década da Crise”, devido ao que ele identificou como “perda total de referências”.

1 Socióloga. Mestre em Sociologia – Docente de Sociologia e Psicologia Social - Departamento de Psicologia – Universidade do Sagrado Coração - Rua Irmã Arminda, 10-50 CEP 17011-160 – Bauru – SP. – Doutoranda, em Comunicação – UNESP – Bauru.

2 Bolsistas do PIBIC/CNPq – Graduandas de Psicologia – Departamento de Psicologia – Universidade do Sagrado Coração – Rua Irmã Arminda, 10-50 – 17011-160 – Bauru – SP.

Na virada para o novo século, tudo continua a indicar que vivemos num tempo, no mínimo, desafiante e decisivo.

Da mesma forma, Sawaia (1995) ao falar do final do século XX, caracteriza-o como “o tempo de morrer”. Tempo em que o ser humano sente-se impotente para agir em prol do bem comum, resultando disto um forte sofrimento psicossocial cujas seqüelas são a passividade, o alcoolismo, a vergonha, o medo, a violência.

Ao referir-se à violência, Alves apud Rizzo (1998) assim se pronunciou: “a violência, assim como a ética, foi perdendo seu significado. A noção ficou tão limitada que as pessoas a praticam e não percebem”.

Segundo Rondelli (1998), na década de 90, a sociedade preocupou-se bastante com esta questão, organizando intensos debates sobre a natureza e as conseqüências deste aumento. No entanto, ainda hoje, prevalece um discurso enfatizando que esta violência é resultante de uma implacável trajetória do mundo contemporâneo onde estão estancadas as possibilidades das relações solidárias, da superação de preconceitos e do respeito às diferenças.

Para Gianotti, apud Sawaia (1995), o sofrimento psicossocial é um sintoma das carências mais profundas da modernidade: não saber conviver com a diferença. As pessoas se distanciam umas das outras e o mundo passa a ser visto como do lado de fora. Ainda, o sofrimento psicossocial pode ser entendido como zero afetivo, servidão voluntária e alienação (Sawaia, 1995).

Para Leal (1999), a violência - não importa suas expressões - é sempre uma forma de poder, sendo a mais grave a violência simbólica que pode ser definida como a internalização, por parte do que sofre a dominação, da necessidade dessa dominação e o reconhecimento de um papel necessariamente subalterno e pacífico.

O aumento da incidência de atos violentos na sociedade atual tem estimulado o debate e o estudo de suas causas e conseqüências por diferentes setores da sociedade preocupados com os destinos da vida humana e da coletividade. A imprensa em geral, sobretudo a televisão, tem feito da violência, nas suas mais diferentes formas, a sua vedete principal.

Do mesmo modo, no mundo microssocietal, no cotidiano dos grupos, a questão de violência freqüentemente aparece como tema de debate. Dentre as diferentes formas e espaços que ela tem adentrado, merece uma análise especial a questão do espancamento de mulheres por seus parceiros dentro da própria casa. É um tipo de violência pouco divulgado, pois as próprias vítimas escondem, até mesmo de seus parentes mais próximos, a sua condição de mulher espancada. Por que isto acontece? As respostas têm sido dadas por estudiosos, pesquisadores e teóricos em geral. No entanto, é necessário buscar, através do discurso das próprias vítimas, a descrição de sua situação e o posterior delineamento do fenômeno da qual são vítimas. Ninguém melhor do que elas, que experienciam no seu cotidiano, em seu próprio corpo, a violência de seus parceiros, poderá descrever o fenômeno.

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

A violência doméstica praticada por homens contra suas parceiras, em regra, é sentida por ambos como uma relação natural no interior de uma cultura machista que legitima a “supremacia masculina”. Essa “supremacia” manifesta-se pelas discriminações praticadas contra as mulheres, chegando ao seu clímax quando são praticados atos de violência física contra elas. Esta violência, caracterizada como de gênero, tem um impacto muito grande na saúde das mulheres. E o aumento de uso de drogas, lícita e ilícitas é apontado como um dos principais fatores do aumento da escalada da violência. Apesar da existência de formas mais sutis, quando nos referimos a ela, sua primeira imagem, sua face mais imediata exprime-se pela agressão física.

Neste sentido, o tipo de violência da qual são vítimas as mulheres por parte de seus parceiros, por exemplo, é duplamente qualificado: violência física, resultando no sofrimento para o corpo físico e a violência simbólica, resultando em dominação e subalternidade.

O que é ser homem ou mulher no interior de uma dada cultura depende de como a sociedade vê a relação que transforma o macho em um homem e a fêmea em uma mulher. Portanto, sexo não é gênero. Enquanto as diferenças sexuais são físicas, as diferenças de gênero são socialmente construídas. Em suma, nós só nos tornamos homens ou mulheres a partir de interpretações culturais (Strey, 1998).

Segundo Bicalho (1996), a mulher enfrenta dupla jornada, discriminações, exigências de subalternidade, humilhações psicológicas e físicas. O trabalho doméstico e a maternidade estabeleceram-se como funções privadas no mundo moderno e a mulher é ainda obrigada a ir para o “trabalho remunerado”, acumulando funções sem garantias e contribuições do Estado e sem o reconhecimento do “trabalho do lar”. Estudos recentes têm demonstrado uma relação estreita entre a violência doméstica e a saúde. Segundo um estudo do OBID (1997), um em cada cinco dias de trabalho que as mulheres perdem por problemas de saúde se deve a manifestação da violência doméstica. Maldonado (1999), com base neste enfoque, defende a tese de que a questão do controle e da prevenção da violência passou a ser vista como um problema de saúde pública, demandando intervenções em vários níveis.

Da mesma forma, a partir do paradigma que reforça a existência de traços característicos do “masculino e feminino”, muito do que aparece como sintoma, para as mulheres, está imbricado com os atributos tradicionalmente constitutivos da “identidade feminina”. Para Villela (1996), a própria idéia de saúde/doença mental, e a nosografia que suporta esta idéia é profundamente comprometida com concepções relativas ao “feminino”, de modo que, para além de idiosincrasias pessoais, a produção de sintomas mentais nas mulheres pode ser tomada como paradigmática da violência de gênero.

O espaço de domínio masculino é considerado o público, o político, e nele se inscrevem princípios de força, racionalidade, atividade, objetividade. Em contrapartida, o domínio do feminino é o espaço privado, o

doméstico ao qual se conjugam fragilidade, emoção, passividade, subjetividade. Esta distinção é acentuada na noção de natureza (Gonçalves, 1996). No processo de socialização de homens e mulheres, ambos internalizam estas noções, passando a se comportar de acordo com a prescrição da cultura. Ao analisar a situação de que é vítima a mulher brasileira, dentro da própria casa, Saffioti (1980) denuncia sua posição de inferiorizada em relação a seu parceiro. Para a autora citada, à medida que é inferiorizada, passa a crer na própria inferioridade e a perpetua socialmente, pois transmite a filhos e filhas.

Segundo um estudo do OBID (1997), a violência é uma doença que se auto-perpetua, pois quando as crianças são vítimas ou testemunhas de abuso em casa, tendem a imitar esse comportamento.

As pesquisas contemporâneas centralizadas na questão do feminino, de um modo geral, têm demonstrado que os principais problemas que envolvem as relações de gênero, inclusive a violência, estão arraigados em

nosso sistema dual de linguagem e representação no qual as mulheres são postas ao lado da irracionalidade, do silêncio, do corpo, enquanto os homens estão situados ao lado da razão, do discurso e da cultura (Garcia, 1996, p. 6).

Estes conceitos ou representações a respeito do feminino e do masculino têm origem nas restrições imputadas ao papel da mulher em nossa sociedade assentado na explicação biológica da “natureza feminina”. Os defensores desta tese consideram que a mulher possui, por natureza, uma debilidade fisiológica que justifica a subordinação ao sexo oposto, supostamente mais forte e viril. Por outro lado, a reputação a esta tese, desloca o foco de análise para o campo sócio-cultural, onde as questões são analisadas a partir do “estereótipo de papel que diferencia a esfera de ação e de poder entre homens e mulheres” (Garcia, 1996, p. 5).

A partir da instituição do Dia Nacional de Luta contra a Violência à Mulher, os atos violentos contra ela tornaram-se mais conhecidos e explorados pela mídia. Estes dados passaram a invadir o espaço público, desvelando os milhares de casos de ameaças, espancamentos, estupros, assassinatos bárbaros, esquecidos no anonimato da esfera doméstica, vitimando mulheres em sua grande maioria, sendo o autor da violência seu próprio companheiro, e, por isso, quase nunca denunciados. A partir daí, esta situação transformou-se em objeto de estudo de inúmeros trabalhos de pesquisa, objetivando entender o fenômeno nas suas causas e conseqüências.

A criação das Delegacias de Defesa da Mulher, apesar de representar uma esperança de solução ao problema que estas mulheres enfrentam no seu cotidiano, na prática pouco tem conseguido em termos de punição aos agressores. Este fato se deve, na verdade, ao comportamento das próprias mulheres que, em regra, retiram a queixa ou não dão andamento ao processo de denúncia no Fórum da cidade, o que leva ao arquivamento do processo.

No entanto, algumas questões ficam no ar: qual o nível de percepção das mulheres espancadas a respeito da violência de que são vítimas?

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

Como constroem o significado do seu cotidiano de sofrimento, buscando o sentido de sua situação de espancadas por seus parceiros?

Pretendemos, através deste estudo: 1- refletir sobre a violência doméstica sofrida por mulheres, levando em consideração as descrições de vida relatadas por estas vítimas da violência de seus respectivos parceiros; 2- lançar novas luzes sobre este fenômeno, que contribuam para a escolha de novas alternativas que solucionem ou, ao menos, minimizem o sofrimento destas mulheres, que adoecem em virtude dos maus tratos sofridos.

MATERIAL E MÉTODOS

Para alcançar os objetivos, procurou-se a Delegacia da Mulher de Bauru a fim de estabelecer um contato direto com as vítimas que ali se dirigem para registro de queixa de violência sofrida por parte de seu parceiro.

Tomando por base as observações de Bogdam apud Triviños (1987) a respeito da pesquisa de natureza qualitativa, a saber: 1) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados; 2) a pesquisa qualitativa é descritiva; 3) a pesquisa qualitativa dá ênfase ao processo; 4) a pesquisa qualitativa faz uma análise indutiva dos dados; 5) a pesquisa qualitativa preocupa-se essencialmente com o significado, delimitou-se o contexto deste trabalho.

Os dados sobre formas e variações assumidas pela violência doméstica sofrida por mulheres por parte de seus parceiros foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas realizadas com mulheres que mantêm uma relação estável com um parceiro e que procuraram a Delegacia da Mulher de Bauru para registro de queixa de espancamento.

Durante 3 dias por semana, no período de 3 meses (janeiro a março de 2000), as pesquisadoras estiveram na Delegacia da Mulher em Bauru, no período diurno para a realização das entrevistas. Foram entrevistadas as mulheres que registraram queixa de agressão física por parte dos parceiros nesse período, e que corresponderam aos critérios da amostra, perfazendo um total de 40 entrevistas.

O tempo médio para realização das entrevistas variou de 30 a 50 minutos, após o que foram imediatamente transcritas e analisadas pelos pesquisadores.

No plano de análise dos dados, foram realizadas as seguintes etapas:

- 1) leitura atenta das respostas fielmente transcritas;
- 2) levantamento das unidades de significado dos discursos, questão por questão;
- 3) listagem das unidades de significado;
- 4) classificação das respostas, questão por questão;
- 5) utilização da análise categorial-temática, sendo que a categorização foi abstraída dos dados fornecidos pelas entrevistadas a partir da confrontação de suas respostas.

As tabelas apresentadas objetivam oferecer um perfil das entrevistadas enquanto as distribuem quanto à idade, grau de escolaridade, estado civil, renda, religião e tempo de relacionamento.

Quanto à abordagem qualitativa, a classificação dos dados em categorias temáticas permitem a visualização dos valores, atitudes e sentimentos das mulheres espancadas frente à situação vivenciada por elas, bem como alcançar as causas e conseqüências do ato violento segundo a sua percepção.

Através da descrição de sua vida com o parceiro, as entrevistadas forneceram dados que foram sintetizados em 4 temáticas básicas:

- 1) A vida com o parceiro.
- 2) Momentos mais difíceis gerados pelo relacionamento.
- 3) Fatores desencadeantes da denúncia
- 4) Como resolver o problema? Perspectivas de solução.

PERFIL DAS ENTREVISTADAS: IDADE, ESCOLARIDADE, ESTADO CIVIL, RELIGIÃO, TEMPO DE RELACIONAMENTO E RENDA FAMILIAR.

Através das tabelas abaixo, objetivou-se demonstrar o perfil das mulheres que procuram a Delegacia de Defesa da Mulher para registrar uma denúncia de violência doméstica infligida por seus parceiros. É importante salientar que, em regra, a denúncia se refere à violência física, entendida como o clímax das discriminações praticadas contra ela no interior de sua própria casa.

Em relação à idade das entrevistadas, o maior índice percentual recaiu sobre a faixa etária compreendida entre 30 e 34 anos.

É importante, no entanto, observar que, na frequência acumulada, quase a metade delas encontra-se na faixa acima de 35 anos (42,5%) conforme demonstra a TABELA 1.

TABELA 1 - Distribuição de frequência da idade (anos) das mulheres participantes da amostra.

Classe de idade	Frequência	Absoluta Porcentagem
15 a 19 anos	1	2,5
20 a 24 anos	7	17,5
25 a 29 anos	6	15
30 a 34 anos	9	22,5
35 a 40 anos	7	17,5
40 a 44 anos	4	10
45 a 49 anos	6	15
TOTAL	40	100,0

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

Tendo em vista o grau de instrução, percebemos, através da TABELA 2, que 70% das respondentes indicaram possuir o ensino fundamental incompleto, o que corresponde à escolaridade média do povo brasileiro, tendo-se em vista que este nível de escolaridade compreende os itens de 1^a. a 8^a. séries.

TABELA 2 - Distribuição de freqüência do grau de instrução

Grau de instrução	Freqüência absoluta	Porcentagem
Não sabe ler	1	2,5
Sabe ler e escrever	1	2,5
Ensino fundamental incompleto	28	70
Ensino fundamental completo	6	15
Ensino médio incompleto	1	2,5
Ensino médio completo	2	5,0
Ensino superior incompleto	1	2,5
TOTAL	40	100,0

Em relação à renda salarial familiar, a maior incidência percentual recaí sobre a faixa de 100,00 a 400,00 reais (45%). A porcentagem acumulada demonstra que 71,8% ganham até R\$900,00 mensais, conforme demonstra a TABELA 3.

TABELA 3 - Distribuição de freqüência quanto à renda salarial familiar

Renda familiar	Freqüência absoluta	Porcentagem	% acumulada
R\$100,00 a 400,00 reais	18	4,5	46,16
R\$500,00 a 900,00 reais	10	2,5	71,81
R\$1000,00 a 1400,00 reais	7	17,5	89,76
R\$1500,00 a 1900,00 reais	2	5	94,88
R\$2000,00 a 2400,00 reais	-	-	94,88
R\$2500,00 a 2900,00 reais	2	5	100
Não sabe o valor	1	2,5	
TOTAL	40	100,00	

Quanto à religião professada, a maioria das respondentes se dizem católicas (55%) seguidas da religião protestante (32%). Os dados encontram-se demonstrados na TABELA 4.

TABELA 4 - Distribuição de frequência das religiões

Religião	Frequência Absoluta	Porcentagem
Católica	22	55
Protestante	12	32,5
Espírita	1	2,5
Não tem religião	4	10
TOTAL	40	100,00

Tendo em vista o estado civil e o tempo de relacionamento, as entrevistadas, na maioria, disseram ser casadas (67,5%), em contraposição 32,5% indicaram ser amasiadas (TABELA 5).

TABELA 5 - Distribuição de frequência do estado civil

Estado Civil	Frequência Absoluta	Porcentagem
Casada	27	67,5
Amasiada	13	32,5
Outros	-	-
TOTAL	40	100,0

Por outro lado, é bastante significativo salientar que mais da metade do grupo correspondente à amostra está casada há mais de 10 anos (60%), o que indica o estabelecimento de um vínculo mais forte com o parceiro. Deste dado, é possível inferir o porquê da retirada da queixa, fenômeno tão comum entre elas. Os dados deste item estão demonstrados na TABELA 6.

TABELA 6 - Distribuição de frequência quanto ao tempo de relacionamento.

Tempo de relacionamento	Frequência Absoluta	Porcentagem
Menos de 1 ano	-	-
1 a 5 anos	5	12,5
6 a 10 anos	11	27,5
Mais de 10 anos	24	60,0
TOTAL	40	100,0

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

PERCEPÇÃO DA SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONSTRUÍDA POR MULHERES DENTRO DO ESPAÇO DOMÉSTICO

A vida com o parceiro

Ao falar sobre seu parceiro e sobre sua vida com ele, as mulheres, de um modo geral, entremearam os seus discursos com uma carga de sentimentos e emoções facilmente observados, pois expressos através de comportamentos e gestos característicos como o choro, o desvio do olhar, as mãos trêmulas, a cabeça baixa, demonstrando angústia, inquietação, nervosismo, ódio e muita tristeza.

Em sua fala, as mulheres demonstraram perceber a sua vida como marcada por medo e incerteza diante de um cotidiano de opressão e violência caracterizado pela agressividade da qual são vítimas, desencadeada, em sua maior parte, pelo álcool e pelas drogas em geral bem como pela falta de condições econômicas favoráveis.

Segundo elas, a bebida é o fator desencadeante da agressão que se encontra fundamentada num comportamento assinalado pelo machismo e autoritarismo por parte de seus parceiros, gerando humilhação e submissão por parte delas.

“Ele é muito nervoso, ele briga por tudo. Ele bebeu e eu acho que ele tá envolvido com outra coisa. Qualquer coisa, ele bate, ele já quebrou o meu dente. Eu não gosto de ficar falando muito sobre isso. Minha vida com ele é um inferno” (39 anos, casada há 18 anos).

Somando-se a estas categorias, indicam as mulheres o ciúme e a traição, como elementos comuns no relacionamento.

“o que mais marcou pra mim, foi quando eu estava esperando essa menina e ele arrumou um outro filho em outra muié e também ele tem ciúme que eu não sei de onde ele arruma. Tem ciúme do meu pai, do meu irmão, não posso olhá pra pessoa e dar bom dia que já é meu amante” (39 anos, casada há 11 anos).

Diante dos elementos elencados, percebeu-se que as relações são norteadas pela indiferença, revolta, frustração, infelicidade da vítima, auto-estima rebaixada, vivenciada por estas mulheres, o que coloca em risco a sua saúde orgânica e psíquica (OBID, 1997; Maldonado, 1999).

“Ele é muito ciumento, agressivo e sempre me ameaça. Ele já me machucou muito. Hoje não estou vivendo, eu tou vegetando, está tudo muito triste. Ando sempre deprimida” (36 anos, amasiada há 6 anos).

“Ele é muito nervoso, bebe sempre, é desempregado e muito ciumento. Sempre quando ele bebe, ele se transforma, enxerga coisa onde não existe; eu tenho medo dele, eu vivo angustiada, com aperto no peito, não tenho alegria para viver; vivo mesmo só por causa dos meus filhos. Tudo é muito triste” (21 anos, amasiada há 8 anos).

“Minha vida é chorar, minha vida é sofrer, eu não consigo fazer meu serviço mais. Eu sofro demais. Pra mim o mais difícil é ter que viver nessa situação e eu não quero isso pra mim, nem pra minhas filhas. Eu fiz de tudo, eu procurei até psicólogo pra vê se o problema era comigo” (40 anos, casada há 17 anos).

Conforme este depoimento, notou-se que o que ainda oferece um sentido de vida para estas mulheres são os filhos, pelos quais elas se conformam com a situação, sobretudo por causa da questão econômica.

O momento mais difícil do relacionamento, segundo elas, é quando a violência se efetiva no espancamento, voltando-se também contra os filhos, envolvendo-os no processo, ou assustando-os com gritarias e palavrões. Seguindo a este fator, outros também são muito difíceis de enfrentar como, por exemplo, a traição e a miséria decorrentes da falta de emprego ou comodidade do parceiro.

“Meu marido bebe, vive pelos bar e é muito agressivo comigo e com meus filhos, dele não se ganha nada, nem dinheiro pra comprar um chinelo, a não ser o arroz e feijão, o aluguel e o resto é só pra beber. Minha vida com ele, eu não tenho nem o que falar...” (37 anos, casada há 12 anos).

Segundo os depoimentos da maioria destas mulheres, o processo de violência e agressão física se iniciou no começo do relacionamento.

“Desde o início do relacionamento, ele me agride. A primeira vez que ele me bateu, eu tive que sair correndo pelada, embrulhada na toalha, pela rua. Eu sempre pensei: amanhã ele vai tar diferente, ele vai mudar e melhorar, mas agora chega” (33 anos, casada há 15 anos).

Vinculando este dado com o tempo de relacionamento indicado por elas como demonstrado na TABELA 6, levantou-se uma questão: por que não registraram a denúncia antes? Considera-se a existência de uma dependência emocional por parte da vítima em relação ao parceiro, sustentada pela esperança de que ele possa melhorar e modificar-se.

No discurso da vítima, a violência sofrida é explicada através de fatores que se conjugam, desencadeando o processo, tais como: reação da vítima, ciúmes, bebida, desconfiança, insegurança psicológica e econômica. Muitas disseram não entender a razão de tanta violência.

“Porque ele não tem confiança, por insegurança dele. Tudo pra ele tem homem no meio, tudo é porque eu tenho amante”. (33 anos, casada há 15 anos)

“Não sei, eu acho que a bebida atrapalha muito também, mas não sei. Talvez é por causa que ele tem ciúme, é a única coisa”. (47 anos, amasiada há 23 anos).

“Eu acho que ele sempre teve outras, é por causa da bebida na cabeça. Andava sempre com quem não presta, mexia com drogas também. Ele é

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

encrenqueiro. Não dá pra viver sempre assim, mas eu preciso desta pensão”. (24 anos, casada há 10 anos).

“Porque eu pego a coisa errada dele e eu não sei ficar quieta e eu falo e ele tá de fogo, aí ele se irrita”. (43 anos, casada, 16 anos de relacionamento).

De um modo geral, estas mulheres sofrem todas as formas de violência: verbal, moral, física, psicológica, sendo que algumas ainda indicam a violência sexual.

Em suma, a relação com o parceiro é marcada pela relação supremacia-submissão, que se estende por muitos anos, o que pode ser explicado pela idéia de que o domínio masculino se inscreve nos princípios de força, masculinidade, racionalidade e o domínio feminino é o privado, o doméstico, a fragilidade e a passividade (Gonçalves, 1996).

As questões da “inferioridade feminina” e “supremacia masculina” construídas socialmente dentro de um contexto de cultura machista, possivelmente explicam a permanência destas mulheres numa relação que destroem e que coloca em risco sua saúde física e mental (Saffioti, 1987).

“Sempre me maltratou, e os outros falava: separa dele, separa dele. E eu ia levando. Agredia verbal, física, sexual e psicologicamente” (24 anos, casada, 10 anos de relacionamento).

Momentos mais difíceis gerados pelo relacionamento com o parceiro

O momento mais difícil gerado no relacionamento com o parceiro foi indicado pelas mulheres como o medo de serem assassinadas naquele momento da bebida e da loucura. Dizem elas que seus parceiros agem cegamente, colocando em risco a sua vida e a dos próprios filhos, pelos quais elas muito temem.

“Ele é muito traiçoeiro, tudo o que ele faz em 4 paredes, depois para os outros ele dá uma de santo. Eu tenho medo dele, porque ele bateu em mim de machucar mesmo. Tenho medo de muitas coisas que ele é capaz de fazer, isso me preocupa. Ele fica ameaçando minhas filhas, falando barbaridades para elas... (43 anos, casada, 16 anos de relacionamento).

“Acho que o mais é de ele me matar, ele me ameaça demais. Uma vez ele falou que ia me matar, depois ia matar meus filhos e depois ia se matar. Eu tenho medo”. (24 anos, casada há 8 anos).

As mulheres também indicaram como momentos difíceis, a humilhação da qual são vítimas, principalmente quando estão na presença de outras pessoas, parentes, amigos ou estranhos.

“É muito difícil lidar com ele, só ele tem razão! Ele já me fez passar muita humilhação... (33 anos, casada há 12 anos).

“Uma vez, na casa da tia dele, num aniversário, ele me deu um tapa na minha cara, na frente de todo mundo. Eu nunca esqueço disso, nunca passei tanta vergonha” (19 anos, amasiada há 6 anos).

Outro momento difícil é o da relação sexual. As mulheres dizem não suportar o parceiro quando são procuradas sexualmente, pois se sentem oprimidas e judiadas o que impede um encontro sexual efetivo.

“Eu vou falar uma verdade para você, eu não suporto, eu odeio quando ele coloca a mão em mim; eu não tenho um pingão de vontade de fazê; eu não sinto nada por ele, já acabou tudo o que eu sentia por ele. O que é mais difícil pra mim é agüentar ele dentro de casa; eu tô bem, na paz quando ele não tá, mais quando ele chega, pra mim já acabou tudo” (32 anos, casada há 12 anos).

“Momento mais marcante? Em relação à violência teve uma vez quando meus filhos ainda eram pequenos que ele me chutou tanto que eu fiquei uns três dias de molho, de tanta dor que eu sentia no corpo. Além dele fazer tudo isso, ele me obrigava a fazer sexo com ele” (36 anos, casada há 16 anos).

“Todos os momentos é difícil, se tá apanhando e não consegue se defender, ninguém se mexe pra ajudar. Ele falou pra mim que agora sim ele me matava, por causa que eu vim até na Delegacia, eu não posso nem voltar em casa”. (39 anos, casada há 18 anos).

“O que mais me preocupa é de ele me matar mesmo, porque eu tenho um menino de 10 anos e uma menina de 13 anos; com quem eu vou deixar eles? Como ele não trabalha, as crianças fica com ele e isso me preocupa porque ele pode não fazer nada com eles, mas também pode fazer tudo e isso me deixa preocupada” (40 anos, amasiada há 19 anos).

Diante de tanta agressividade e violência, questionou-se sobre o que elas, enquanto vítimas, estariam fazendo para resolver ou minimizar a situação.

Entre tantas alternativas citadas, as mais frequentes foram: abandono do lar, tentativa de diálogo, oração, denúncia, separação, pedido de socorro à polícia, busca da independência financeira, tentativa de interação do parceiro.

Uma parte das respostas a esta questão giraram em torno da manifestação da compaixão e do amor que ainda guardam pelo parceiro e na esperança de que ele se modifique.

O medo das ameaças do parceiro, a dependência econômica, o sentido de família, a impunidade explicam a não-mobilização destas mulheres na busca de soluções para a sua situação.

“Não, nunca fiz nada. É a primeira vez que eu estou vindo até aqui. Eu

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

sempre agüentei, acho que porque eu pensava muito na minha filha, dela ficar sem pai e ficar revoltada. Mas depois eu vi que não era isso, você vai ficar agüentando por causa do filho. Não adianta, é melhor separar e uma vez por semana, ele vai ver a filha dele” (19 anos, amasiada há 6 anos).

“Eu falo que vou me separar dele; o processo já está encaminhando. Já temos conversado, mas não adianta. Ele fica bom uns tempos, depois volta... Eu já fiz uma queixa, porque ele me agrediu quando eu estava de 8 meses, mas não deu em nada porque eu não fiz exame de corpo delito” (24 anos, casada há 8 anos).

“Nada, não dá pra fazer nada. Ontem mesmo eu chamei a polícia em casa e ele nem se intimidou, ele falou que ele nunca vai ser preso mesmo. Eu cansei, porque eu não sei o que vai acontecer comigo amanhã” (40 anos, casada há 19 anos).

Fatores desencadeantes da denúncia

Questionadas sobre os fatores que as levaram à Delegacia de Defesa da Mulher com intuito de denunciar o parceiro, as mulheres apresentaram uma fala indicativa de cansaço e esgotamento de uma condição de vida cada vez mais insuportável.

Desiludidas, humilhadas, espancadas, apresentando sintomas de sofrimento físico e psicossocial, estas mulheres buscam ajuda através da denúncia, decididas pela separação o que lhes traria um pouco de paz nas suas vidas.

“Porque agora eu não gosto mais dele. Eu quero viver minha vida em paz, com minha filha. Eu não tenho medo de passar necessidade, porque sei que nunca vou passar. Eu tenho fé em Deus e coragem de trabalhar. Porque antes eu tinha dó, mas ao mesmo tempo tinha raiva” (19 anos, amasiada há 6 anos).

“Uns 10 anos já, só que eu sempre me separei e voltei porque eu não achava solução, eu pensava assim: ruim com ele, pior sem ele! Eu sempre voltava, apanhava, voltava, apanhava. Só que dessa vez eu cansei; eu não sei nem por que ele foi agressivo comigo ontem; foi ele quem falou que não queria mais olhar na minha cara, me mandou arrumar outro” (28 anos, casada há 9 anos).

“Porque eu cansei de ser humilhada e de sofrer quieta, não agüento mais”. (38 anos, casada há 9 anos).

“Porque agora ele quebrou tudo que eu tinha dentro de casa, não sobrou nada. Eu cansei e não quero mais. Já deu o que tinha que dá; eu cansei de viver neste inferno” (47 anos, casada há 23 anos).

“Ai porque eu tô cansada, eu fui dando chance, dando chance pra ele, pra vê se ele mudava; por causa dos meus filhos também, né? Eu pensava: eu vou levar o pai de meus filhos lá? Por isso não denunciava, mas agora eu cansei. Tô cansada de apanhar, levar nome feio na cara, coisa que eu não devo. Então foi por isso que eu vim, eu tô cansada!” (30 anos,

amasiada há 9 anos).
Como resolver o problema? Perspectivas de solução

Sob o ponto de vista das vítimas, que foram entrevistadas, a única solução para o seu problema é a separação e enquadramento do seu parceiro na cadeia. Desta forma, estariam livres para viver em paz com os filhos, reconstituindo suas vidas, procurando esquecer o passado de sofrimento junto a alguém que não as mereceu.

“Eu ficaria morando sozinha com a minha filha”. (29 anos, amasiada há 9 anos).

“Eu tirava ele de minha casa agora” (40 anos, amasiada há 19 anos).

“Que ele não ficasse impune; que as coisas resolvem logo” (24 anos, casada há 8 anos).

“Se eu tivesse autonomia, eu o internaria, porque isso é uma doença” (30 anos, casada há 15 anos).

“Eu sumiria, mas primeiro mesmo eu mandava ele pra cadeia, pra ele me deixar em paz, eu e os meus filhos” (26 anos, amasiada há 11 anos).

“Como eu já falei, eu não quero ver mais ele, eu quero viver em paz. Daqui pra frente eu vou ser alguém, quero fazer cursos, procurar emprego e levar uma vida decente com meu filho. Eu só quero que a justiça dê um jeito nele” (25 anos, amasiada há 8 anos).

“Eu não quero mais viver com ele, pois o sofrimento é muito e há falta de vida dentro de mim. Se possível, eu gostaria de ter o mínimo de contato possível com ele” (21 anos, amasiada há 8 anos).

REFLETINDO E CONCLUINDO

Em síntese, a partir da fala das mulheres, pode-se constatar que, em princípio, a violência se torna incompreensível para elas. A doença e o sofrimento resultantes apresentam-se como algo inexplicável, sem sentido. Por que sofro esta violência? Por que eu? E se estou envolvida nesta relação, por que não posso sair dela? Qual o sentido disso que está acontecendo comigo?

Ao deparar-se com a violência, a mulher se coloca frente a frente com a fragilidade humana; a falta de sentido do ato violento contra ela esbarra na totalidade das construções simbólicas pelas quais se orienta no mundo. Surge então a necessidade de cobrir esta ruptura, de restaurar esta falha, mediante novas construções simbólicas com a função específica de dar conta dos processos que as construções simbólicas anteriores não conseguiram explicar.

Há necessidade de reconstrução do universo simbólico que, com o surgimento da relação violenta, foi igualmente afetado.

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. *Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.*
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

As mulheres que permanecem anos a fio vivendo um cotidiano de violência, provavelmente encontram um sentido para ela na tentativa de restauração do universo simbólico.

A dor é sempre intolerável enquanto significar algo arbitrário. Todavia, quando adquire um sentido, torna-se suportável. É possível dizer que estas mulheres aprenderam a lidar com o seu cotidiano, experienciando o seu sofrimento desde um outro lugar (Quintana, 1999).

O fato de algumas destas mulheres procurarem a Delegacia para registrar queixa contra seu parceiro somente quando os filhos são envolvidos no processo de agressão, significa um novo rompimento em seu universo de símbolos.

O símbolo sempre estará integrado no sistema de crenças. Uma experiência individual de violência é reintegrada no social através da possibilidade de compreendê-la e pensá-la segundo uma explicação socialmente aceita (Quintana, 1999).

Dessa forma, a cultura de subordinação da mulher ao homem que se operacionaliza em papéis culturais prescritos, justifica as relações violentas das quais as mulheres são vítimas. Por outro lado, o universo cultural prescrito não justifica a violência e a agressividade contra os filhos. Neste universo, aos pais cabe proteger, educar e amparar os filhos e não destruí-los ou violentá-los. Portanto, se as agressões sobre as mulheres são previstas no universo simbólico da cultura machista, o mesmo não acontece em relação à violência sobre os filhos, vítimas indiretas da violência doméstica, cujo alvo principal nesta abordagem é a mulher.

Em suma, a vida com o parceiro apresenta como traço básico o medo e a insegurança que permeiam um cotidiano marcado pela violência e destruição da vida.

Segundo o discurso da própria vítima, o motivo que a leva a denunciar seu parceiro numa Delegacia de Defesa da Mulher é o ato violento que envolve também os filhos.

Diante desta nova fratura do universo simbólico construído, a ausência de sentido se estabelece e a denúncia surge como uma possível solução para o problema.

Este trabalho se propôs a lançar algumas luzes sobre o fenômeno da violência vivida por mulheres no âmbito da casa e da família enquanto vítimas de seus próprios parceiros.

Através da pesquisa, pode-se constatar que, entre as grandes dificuldades enfrentadas por um pesquisador de violência doméstica, envolvendo relações de gênero, sobressai-se o silêncio das vítimas. No imaginário das vítimas, a casa e a família são espaços sagrados, lugar de amor, amizade e solidariedade em contraposição ao espaço da rua, representado por lugar de violência e perigo.

... a casa, como espaço privado representa, apesar de suas ambigüidades e de uma economia emocional permeada pelos dramas e, às vezes, pelas tragédias, o espaço simbolicamente preservado desta violência codificada (Lins, 1998, p. 21).

Através do discurso da própria vítima, buscou-se alcançar as suas representações sobre o fenômeno e o significado que elas mesmas dão à situação que vivenciam no seu cotidiano.

A partir do levantamento das convergências do discurso, foi possível elencar temáticas básicas emergentes, bem como categorias elucidativas da condição que elas experenciam.

Desta forma, pode-se penetrar no mundo-vida destas mulheres que denunciam seus parceiros somente quando se encontram nos limites de suas forças, esgotadas, cansadas e desesperançadas.

A vida com o parceiro apresenta, como traço básico, o medo e a insegurança que permeiam um cotidiano marcado pela violência e destruição da vida.

São mulheres que apresentam um forte sofrimento físico e psicossocial decorrentes dos maus tratos sofridos, o que traz como consequência a debilitação do corpo e da mente.

A denúncia é sentida por elas como a última tentativa de solução do problema, apesar de que, muitas delas já sabem que a impunidade é uma constante.

Infelizmente, a estrutura e a dinâmica das Delegacias de Defesa da Mulher tornam-na inoperante diante da situação vivenciada por elas no sentido de viabilizar alternativas que lhes possibilitem reais condições de transformação de suas vidas.

O caminho percorrido pelas vítimas as levou a limites extremos. E as pesquisadoras, ao tentar entender os interstícios destes caminhos, conscientizaram-se de que enfrentar o problema das mulheres e da violência, exige uma ruptura com os antigos preconceitos e estereótipos que marcam a relação entre os gêneros em nossa sociedade.

A análise da relação de gênero implica um estudo minucioso sobre a violência codificada e das representações simbólicas na gestão do cotidiano, o que consiste numa elaboração multifacetada da questão.

Resultados da pesquisa nos mostraram que o espancamento de mulheres é um fenômeno que deve ser analisado sobre vários ângulos o que possibilita maior aproximação e entendimento da situação.

Diante da complexidade da questão, as pesquisadoras defendem a tese de que o espancamento da mulher, não se trata simplesmente de uma questão de Polícia.

A denúncia da violência sofrida da parte de seu parceiro, registrada por mulheres na Delegacia da Mulher, representa apenas uma das medidas a serem adotadas.

Enfrentar o problema de violência em nossa sociedade, especialmente a violência de gênero implica a integração de diferentes organismos sociais para que os problemas identificados sejam efetivamente resolvidos. Ao lado da questão da segurança, coexistem as questões da justiça, do trabalho e da cidadania.

Para além da denúncia, estas mulheres necessitariam de um apoio mais efetivo, de um acompanhamento que colaborasse com o resgate de

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.

sua saúde física e psíquica ao mesmo tempo que as auxiliasse a encontrar alternativas concretas que realmente resgatassem sua dignidade, autonomia e esperança numa vida melhor.

ABSTRACT

DI FLORA, Marilene Cabello, DIAS, Ana Carolina Sanchez, STELTENPOOL, Raquel Delbin. Domestic violence: when the woman is the victim. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n.2, p. 25-42, 2001.

This study wished to establish the profile of the world of women beaten up by their partners at home, based on their own discourse. Partially structured with the help of interviews with women who went to the Police Station to file a complaint against their partners were used in order to identify their perception of the experience and its meaning. It was possible to detect the most difficult moments, the causes, the consequences and the solutions for the violence. The results indicate that the creation of a division of support formed by a multidisciplinary team in order to help these women to solve or at least to minimize their problem is urgent.

Key Words: *domestic violence, gender relationship, women.*

AGRADECIMENTO

Ao PIBIC/CNPq pelo financiamento à pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALVES apud RIZZO, S. Rebeldes sem causa. *Ensino Superior*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 10, out. 1998.
- 2 BICALHO, E. A Mulher no Pensamento Moderno. *Estudo de Gênero*. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 21-38, 1996.
- 3 BOGDAM apud TRIVINOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987
- 4 DAL MORO, S. M. Ética e prática pedagógica. *Filosofazer*. Passo Fundo, v. 12, n. 13, p. 7-16, 1998.
- 5 GARCIA, C. C. Ovelhas na névoa (Fragmentos de um estudo sobre mulher e loucura). *Revista da Área de Ciências Humanas*, 01, 01, 1996. p. 5-9.

- 6 GIANOTTI, J. Tendências e Debates. Folha de São Paulo - 10/01/1993. apud SAWAIA, B. B. Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In: LANE, S. T. M., SAWAIA, B. B. (orgs.). *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1995.
- 7 GONÇALVES, E. Pensando o gênero como categoria de análise. *Estudo de Gênero*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 41-59, 1996.
- 8 HOBBSBAWN (1987) apud DAL MORO, S. M. Ética e prática pedagógica. *Filosofazer*, Passo Fundo, v. 12, n. 13, p. 7-16, 1998.
- 9 LEAL, O. F. *A televisão e a violência*. O impacto sobre a criança e o adolescente. [on line]. Disponível na Internet via www.URL://hcpa.ufrgs.br/psiq/vio-viof.html. Arquivo capturado em 28 de abril de 1999.
- 10 LINS, D. O imaginário da violência – a casa e a rua. *Educação em debate*. Fortaleza, Ano 20, n. 35, 1998. p. 16-22.
- 11 MALDONADO, M. T. Construindo a paz – Caminhos da prevenção da violência doméstica. [on line]. Disponível na Internet via www.URL://http://rebidia.org.br/gdc/gdc-mald.html. Arquivo capturado em 13 de março de 1999.
- 12 OBID. O Custo da Violência [on line]. Disponível na Internet via www.URL://http://iadb.org/exr/IDB/stories/1997/por/x-viod2p.htm. Arquivo capturado em 14 de setembro de 1999.
- 13 QUINTANA, A. M. *A ciência da benzedura*. Bauru: Edusc, 1999.
- 14 RIZZO, S. Rebeldes sem causa. *Ensino Superior*. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 10, out. 1998.
- 15 RONDELLI, E. Imagens da violência - Práticas discursivas. *Tempo Social*, São Paulo, v. 10, n. 2, out. 1998.
- 16 SAFFIOTI, H. I. B. Prefácio da edição brasileira. In: LANGLEY, R., LEVY, R. C. *Mulheres espancadas*. Fenômeno invisível. São Paulo: Hucitec, 1980.
- 17 SAWAIA, B. B. Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In: LANE, S. T. M., SAWAIA, B. B. (orgs.). *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1995.
- 18 STREY, M. N. Gênero. In: _____ et al. *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- 19 TRIVIÑOS, N. S. A. *Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- 20 VILLLELA, V. W. Mulher, Violência e saúde mental. *Estudo de Gênero*. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 131-141, 1996.
- DI FLORA,
Marilene Cabello,
DIAS, Ana Carolina
Sanchez, STEL-
TENPOOL, Raquel
Delbin. Violência
doméstica: quando a
mulher é a vítima.
Mimesis, Bauru, v.
22, n.2, p. 25-42,
2001.